

# Capital e trabalho se unem contra a crise

MARIZA CAVALCANTI

SÃO PAULO — Líderes sindicais e patronais confirmam: o desespero gerado pela crise econômica está levando à costura de saídas conjuntas entre trabalhadores e empresários, mesmo estando os protagonistas em lados opostos e tendo opiniões divergentes.

Embora desconfiados entre si, os articuladores dos encontros que pipocaram nas últimas semanas pretendem se reunir na primeira semana de janeiro para preparar uma grande manifestação contra a recessão em 25 de janeiro, dia da fundação da cidade de São Paulo. Nos moldes da vigília promovida no último dia 13 pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, o evento deverá incluir debates sobre a situação do país.

Todos estão assustados, por exemplo, com o forte aumento do desemprego — de janeiro a novembro, a indústria paulista cortou 135.338 postos, ou 7,2% da sua força-de-trabalho. Em 1980, havia 2,1 milhões de empregados; hoje, não passam de 1,8 milhão, apesar do crescimento da população, o que indica a gravidade da crise, por representar São Paulo cerca de 40% do PIB do país.

Ainda faltam propostas concretas, mas empresários e sindicalistas estão conseguindo avançar em protestos conjuntos contra o Governo, ou mesmo tentar encontrar caminhos para resolver os problemas do país. Pano-de-fundo para estas propostas, além do desemprego, são os números que mostram forte aumento no volume de concordatas e falências requeridas nos últimos meses. Até novembro, eram



Vicentinho: desespero leva à união

5.871, superando de longe os 2.172 do mesmo período do ano passado. As concordatas requeridas saltaram de 144 para 162.

Através de fóruns, reuniões e até uma noite de vigília, como a que foi organizada há dez dias pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, todos reconhecem que só a crise, bastante grave, foi capaz de despertar forças do capital e trabalho do marasmo dos interesses corporativos e abrir oportunidades para a busca de um consenso sobre como amenizar os efeitos da recessão, que não tem conseguido dar resultados, pelo menos no curto prazo, no combate à inflação — no acumulado dos últimos 12 meses, o índice da Fipe está em 425,88%.

— O desespero está unindo pessoas com papéis totalmente diversos — testemunha Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho,

presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Um setor que sempre observou à distância a queda-de-braço entre empresariado e sindicalistas também abriu caminho para a conversa: os representantes do Governo. O governador Luiz Antônio Fleury lançou em maio o Fórum Paulista de Desenvolvimento, que abriga inúmeros segmentos do setor privado, para formular políticas regionais de combate à recessão, "para encontrar saídas para a crise", como diz Ruy Altenfelder, diretor geral do Instituto Roberto Simonsen, da Fiesp, e coordenador de um dos 13 grupos de trabalho do fórum.

Foi criado até um banco para articular e coordenar o financiamento de projetos de desenvolvimento regional — como a criação de um pólo industrial de autopeças no Vale do Paraíba e a construção de um porto alternativo ao de Santos entre esta cidade e Cubatão — tendo os empresários como principais acionistas, através da compra de cotas.

— Eu participei da primeira reunião a pedido do governador, mas estava incrédulo. Hoje, estou completamente crente quanto às possibilidades do Fórum — afirma Altenfelder, que reserva algumas horas diárias para estudar sugestões.

● **ARGENTINA** — O Ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, afirmou ontem que o país já está incluído no Plano Brady, de redução da dívida externa. Cavallo assegurou também que a inflação argentina deverá ficar em torno de 7% em 1992.